

21
FEV
2022

Reminiscência de um Capítulo Geral

ESTUDOS DEHONIANOS



Por ocasião do 40º aniversário do reconhecimento de nossas Constituições, apresentamos algumas testemunhas ao Capítulo Geral que trabalhou sobre a Regra de Vida: John van den Hengel, scj.

por **John van den Hengel, scj**

Lembro-me bem da manhã do Capítulo Geral de 1973, no qual foi concluído o primeiro rascunho da *Regra de Vida*. Era final de junho ou início de julho. Como eu era um dos membros mais jovens do Capítulo, eu não tinha um quarto no Colégio Internacional. Eu havia vindo um pouco mais cedo da Domus Maria, na Via Aurelia, onde eu estava hospedado. Eu estava andando na construção anterior, na passagem externa do quarto andar, esperando que as atividades do dia começassem. Lá eu encontrei Piet Adam. Ele me disse que acabara de datilografar o texto preliminar das novas constituições de André Perroux. Uma sensação de alívio veio sobre mim. Tínhamos lutado desde o início de maio para resolver como completar a tarefa que nos

fora dada pela *Evangelica testificatio* e pelo Capítulo, de forjar um texto inspirador como uma Regra de Vida. Muito diferente das Constituições de 1956, o novo texto deveria ser baseado no carisma de nosso Fundador, que na época era conhecido principalmente através do livro *Vida e Personalidade do Padre Dehon*, de Henri Dorresteijs. Quase ninguém sabia como fazer isso. Os trabalhos do Capítulo estavam principalmente nas mãos do Superior Geral, P. Albert Bourgeois, e de uma pequena comissão de redação. Estávamos exaustos discutindo um número infinito de possíveis tópicos que poderiam/deveriam entrar nas novas Constituições e muitos de nós tínhamos perdido a esperança de poder completar a tarefa.

Isso mudou naquele dia. Quando recebemos o novo texto em francês pela primeira vez naquele dia, fiquei aliviado ao ver que o principal entendimento de reparação de nosso modo de vida como seguidores de Dehon das Constituições de 1956 tivesse sido posto de lado. O texto reconhecia que a visão do mundo da devoção de Santa Margarida Maria ao Sagrado Coração com a reiteração das nove promessas havia perdido sua força espiritual. O novo texto não era prioritariamente jurídico ou moral, mas otimista, profético e voltado para o futuro. O tom era tão diferente que mais tarde, no meu caminho de volta ao Canadá, eu me perguntava se o capítulo teria condições de obter a aceitação da Congregação. Será que todos concordariam em aceitar este documento como sua Regra de Vida e concordariam em aceitá-lo como as novas Constituições?

O que mudou na vida dos membros que permitiram que as Constituições fossem tão bem recebidas no primeiro período após o capítulo de 1973?

1. Nos anos 70, a visão do mundo da modernidade que estava em ascensão desde o século XVII havia finalmente passado de uma elite intelectual para a população em geral. “Os tempos mudaram”, disseram muitos. O espírito dominador do medo e doutrinário do entendimento popular do Concílio de Trento e do Vaticano I havia perdido seu domínio sobre a imaginação católica. Ele foi substituído por um horizonte otimista de expectativa alimentado por uma compreensão mais positiva da presença da graça de

Deus em Jesus Cristo, mas também pelos impressionantes avanços nos campos da ciência e da tecnologia. O Capítulo de 73 teve um impacto em nossa interpretação do fundador: durante o final dos anos 70 e início dos anos 80, alguns dos artigos mais perspicazes sobre a espiritualidade dehoniana começaram a ser publicados em *Dehoniana*. Logo, no entanto, houve outras preocupações que começaram a infiltrar-se na consciência humana. Havia a crescente consciência de que o mundo havia se tornado antropoceno, que a pegada humana havia se tornado perigosamente excessiva. Além disso, para muitos o acesso ao transcendente estava diminuindo: a percepção de Deus estava se tornando mais obscura e ambígua. A presença religiosa na cultura e intelectualidade se enfraquecia: a religião começou a desempenhar cada vez menos um papel para uma maioria crescente. A abordagem mais jurídica das Constituições anteriores tinha pressuposto uma instituição religiosa inquestionável que só precisava de regras para governar a pertença. Mas agora a própria pertença estava começando a ser questionada. O Capítulo de 1973 reconheceu que a Congregação precisava de um novo alimento para sustentá-la. E sim, o alimento estava lá. Mas não era suficiente: os jovens dos países ocidentais já tinham percebido o fracasso e tinham começado a sair de nossas casas de formação. Eles já haviam sucumbido à crise, não vendo caminhos à frente. A *Regra de Vida* de 1973 foi uma primeira resposta de busca a este novo tempo. Talvez já tivesse sido tarde demais. Uma vez finalmente aprovada em 1982, sua voz profética já havia começado a ficar muda.

2. O mundo de 1982, e certamente o de 2022, não é mais o mundo de 1973. A era pós-moderna que Lyotard havia anunciado em 1980 com sua desconfiança e repúdio às grandes meta-narrativas e utopias, havia ganhado terreno. Como resultado, os grandes sistemas de crenças e ideologias que tanto sustentaram o mundo ocidental, começaram a se dissolver em cepticismo e relativismo. Todas as convicções em sua diversidade pluralista em diferentes religiões e culturas não puderam manter suas reivindicações de verdade no Ocidente. A âncora da revelação e das Escrituras

começou a definir como um alicerce da vida e da verdade. Descobrimos na crise ecológica que nós, humanos, estávamos exagerando nosso excepcionalismo e que o meio ambiente do planeta estava se voltando contra nosso consumo descontrolado. A Terra não mais nos pertencia exclusivamente; devemos compartilhar o espaço vital irremediavelmente ligado à atmosfera terrestre, ao mundo animal do qual não estávamos tão distantes, aos mares que estávamos esgotando e poluindo, às florestas em declínio e ao mundo fúngico subterrâneo [1]. Esta crise antropológica em meio à crise ecológica foi agravada pela crise civilizacional de nossa vida em comum. O mundo tinha se tornado mais internacional, mais intercultural [2]. Isto criou novos medos – novos medos de ter que compartilhar nosso espaço com o migrante e o culturalmente diverso. As divisões se tornaram tão amplas, que há uma grande dúvida de que nossos movimentos políticos sejam capazes de continuar a tomar suas decisões de forma democrática. A atração do populismo faz com que as pessoas procurem outras formas políticas de convivência, dominadas pelos autocratas e pelas grandes finanças, que ninguém ousa chamar à responsabilidade pela crise econômica de 2008, e por um abismo intransponível de desigualdade. Neste mundo inquieto, devemos nos perguntar: que tipo de recurso encontramos no Evangelho do Reino de Deus que poderia nos ajudar a viver juntos neste mundo frágil? Devemos nos perguntar o que, em última análise, é a nossa fé cristã – manchada pelos fracassos morais de lideranças eclesiais – e nossa vocação religiosa em tudo isso? Precisamos encontrar novas palavras, uma nova receptividade à palavra de Deus, uma nova maneira de ler as antigas palavras do Reino de Deus de Jesus.

3. Não há então nenhum valor restante para o imenso *resourcement* dos Capítulos SCJ entre 1966 e 1979? Aonde vamos? Agora é um momento determinante de nossa história de interpretação do Padre Dehon. Podemos fazer o que os teólogos têm feito recentemente quando focalizaram sua atenção nos pontos de referência duradouros do Vaticano II: a redefinição da comunidade eclesial e a função dentro dela da auto-revelação de Deus em

Cristo. Estes se tornaram importantes pontos de referência para o ministério pastoral do Papa Francisco e para a teologia atual [3]. Isso permanece assim até hoje, apesar da incerteza. O Papa Francisco em sua Carta Apostólica a todos os Consagrados escreveu: *“Cada um dos nossos Institutos provém duma rica história carismática. Nas suas origens, está presente a ação de Deus que, no seu Espírito, chama algumas pessoas para seguirem de perto a Cristo, traduzirem o Evangelho numa forma particular de vida, lerem com os olhos da fé os sinais dos tempos, responderem criativamente às necessidades da Igreja”* [4]. As comunidades religiosas são testemunhos, formas de habitar o mundo, testemunhando leituras particulares da vida de Jesus em suas vidas. Nosso fundador, segundo nossa *Regra de Vida*, aceitou a inspiração de Cristo como Paulo havia entendido: *“Eu fui crucificado com Cristo: e não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”* (Gal 2,19-20). A vida religiosa significa viver explicitamente algum aspecto da vida de Jesus: a compaixão pelos pobres e com as multidões, a mensagem encorajadora, a cura dos enfermos, o sustento dos famintos, a vontade de dar sua vida por este sonho de Deus para a humanidade. É a vida de Cristo em nós, em nosso tempo.

Como dehonianos, nós também nos sustentamos na revelação de Deus que se joga no cotidiano de Jesus. Queremos dar contornos à visão de Deus sobre a vida, tal como demonstrada e encarnada por Jesus. Não temos melhor palavra do que o excesso encontrado na gratuidade e na sororidade-fraternidade da palavra e da ação de Jesus: sua vida de oração e sua interação com os pobres e os doentes da Galileia. O Deus desconhecido, particularmente a abundante generosidade de Deus, foi traduzido da cultura de hoje para a linguagem antropológica. O difícil e inefável nome de Deus hoje não encontrou melhor maneira do que na *sequela Christi*. Essa continua sendo a nossa fé. À nossa maneira, escolhemos seguir Jesus enquanto ele segue seu caminho para Jerusalém. Nós, dehonianos, queremos assumir o seguimento até a cruz e até o lado transpassado para que, de alguma forma, também nosso sangue e nossa água

possam fluir de nossos corações para o bem do mundo. Devemos continuar sendo leitores deste Evangelho de autodoação e de amor apesar das hesitações, de nossos próprios medos hodiernos, e ir aonde o Espírito nos envia em nosso seguimento de Jesus. Como disse o Papa Francisco na mesma carta: “A fecundidade da caridade não conheceu limites e soube abrir inúmeras estradas para levar o sopro da Evangelho às culturas e aos setores sociais mais diversos”.

Para cumprir esta tarefa de hoje, talvez precisemos ler novamente a *Regra de Vida* de 1973 e, quiçá, reunir-nos em nosso próximo Capítulo, para nos ajudar a superar – ou viver com – as hesitações de nosso tempo em função dos hesitantes de hoje.

[1] Merlin Sheldrake, *Entangled Life: How Fungi Make Our Worlds, Change Our Minds, and Shape our Futures*, (Vintage 2021).

[2] O Papa Francisco visualizou as interconexões das culturas como um poliedro “que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade”, *Evangelii Gaudium* 236, 2013.

[3] Veja particularmente *Evangelii Gaudium, Laudato Si’, Gaudete et Exultate e Fratelli Tutti*. O impacto em uma teologia prática renovada é vasto. Limite minhas referências a Christoph Théobald, “Le christianisme comme style: Mise en perspective de la ‘théologie’ du pape François” in *Le Courage de penser l’avenir: Études œcuméniques de théologie fondamentale et ecclésiologique*, “Cogitatio fidei” (Paris: Cerf, 2021) p. 169-196; Joseph Famerée, *Ecclésiologie et œcuménisme, Recueil d’études*, (Leuven: Peeters, 2017); Gilles Routhier, *Cinquante ans après Vatican II. Que reste-t-il à mettre en œuvre?* (Paris: Cerf, 2015)

[4] https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacрати.html